

LIMA

TRISTE VISIONÁRIO

BARRETO

Copyright © 2017 by Lilia Moritz Schwarcz

Este livro preserva, nas citações e nos documentos apresentados, as expressões e os termos utilizados por seus autores quando se referiam às populações afrodescendentes. Muitas delas não seriam aceitáveis nos dias de hoje. O leitor deve levar em consideração, porém, os costumes da época. Nossa intenção foi preservar a originalidade dos documentos e não os tornar anacrônicos.

Entre as diversas edições atualmente publicadas dos livros de Lima Barreto, optamos, sempre que possível, por citar as versões da Penguin Companhia das Letras, as quais, por sua vez, pautaram-se nas primeiras edições, sobretudo aquelas aprovadas pelo autor.

GRAFIA ATUALIZADA SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990,
QUE ENTROU EM VIGOR NO BRASIL EM 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

IMAGEM DE CAPA

Dalton Paula, *Lima Barreto*, óleo sobre livro, 22 × 15 cm, coleção particular.
Reprodução de Paulo Rezende.

PREPARAÇÃO

Márcia Copola, Ciça Caropreso

PREPARAÇÃO DAS NOTAS

Cacilda Guerra

CHECAGEM E CRONOLOGIA

Érico Melo

ÍNDICE REMISSIVO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Huendel Viana, Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schwarcz, Lilia Moritz

Lima Barreto : triste visionário / Lilia Moritz Schwarcz. — 1^a
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2913-3

1. Barreto, Lima, 1881-1922 — Crítica e interpretação
2. Escritores brasileiros — Biografia 1. Título.

17-03095

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Vida e obra : Literatura brasileira 869.8

[2017]

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

RUA BANDEIRA PAULISTA, 702, CJ. 32, 04532-002 — SÃO PAULO — SP

TELEFONE: (11) 3707-3500

WWW.COMPAÑIADASLETRAS.COM.BR

WWW.BLOGDACOMPANHIA.COM.BR

FACEBOOK.COM/COMPANHIADASLETRAS

INSTAGRAM.COM/COMPANHIADASLETRAS

TWITTER.COM/CIALETRAS

*Para a Lelé, minha mãe, Elena Camerini Moritz,
que sabe muito da dor e da alegria que essa vida traz.*

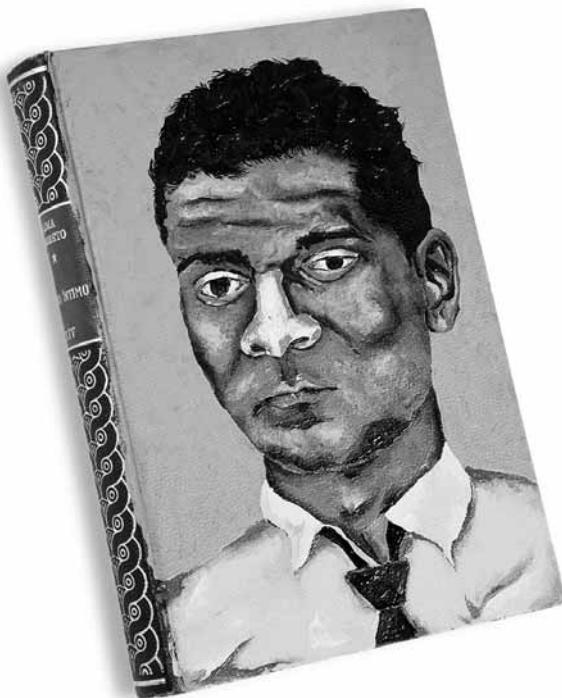
*Para meu pai, Ernest Sigmund Moritz,
que passou por essa vida com a mesma intensidade
e rapidez de um cometa brilhante, como o Lima.*

*Para Alberto da Costa e Silva,
que anos depois se converteu em outro pai,
por eleição e por afeto.*

*Para o Luiz Schwarcz,
que faz parte integral de cada linha que escrevo.*

A IMAGEM DA CAPA

Essa obra foi especialmente criada por Dalton Paula para ser capa deste livro. O trabalho pautou-se nas poucas imagens que restaram do escritor, e dialoga, de forma coerente, com o universo criativo do artista visual e em particular com a série intitulada *Retrato silenciado*, de sua autoria. Em lugar do processo de branqueamento, presente em muitas fotos dos anos 1910 e 1920, neste caso destacam-se, propositadamente, estereótipos visuais e sociais que marcaram as populações afrodescendentes no Brasil e no exterior. Mas o retrato é sobretudo digno e imponente na verdade e na expressão altiva que carrega. Mais detalhes acerca do diálogo travado entre a biógrafa e o artista podem ser encontrados na parte final dos agradecimentos, na página 617 deste volume.



Sumário

Introdução: Criador e criatura / 8

- 1.** O casal Barreto: quando educação parece sinônimo de emancipação / 20
 - 2.** Vira mundo, o mundo virou: a doença de Amália, a ascensão e a queda de João Henrques / 50
 - 3.** Vivendo nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador / 78
 - 4.** Experimentando a vida de estudante: o curso da Politécnica / 108
 - 5.** Arrimo de família: como ser funcionário público na Primeira República / 132
 - 6.** Central do Brasil: uma linha simbólica que separa e une subúrbios e centro / 162
 - 7.** *Floreal*: uma revista “do contra” / 188
 - 8.** O jornalismo como ficção: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* / 210
 - 9.** Política de e entre doutores / 238
 - 10.** Bebida, boemia e desânimo: a primeira internação / 254
 - 11.** Cartada forte e visionária: fazendo crônicas, contos, e virando *Triste fim de Policarpo Quaresma* / 288
 - 12.** Limana: a biblioteca do Lima / 314
 - 13.** Um libertário anarquista: solidariedade é a palavra / 344
 - 14.** Literatura sem “toilette gramatical” ou “brindes de sobremesa”: a segunda internação / 370
 - 15.** *Clara dos Anjos* e as cores de Lima / 402
 - 16.** Lima entre os modernos / 430
 - 17.** Triste fim de Lima Barreto / 462
- Quase conclusão: Lima, o colecionador / 490
- NOTAS / 512
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / 578
- CRONOLOGIA / 603
- AGRADECIMENTOS – EIS QUE, DE TANTO (TENTAR) COLOCAR UM PONTO-FINAL,
ELE VIROU RETICÊNCIAS ... / 610
- ACERVOS PESQUISADOS / 619
- CRÉDITOS DAS IMAGENS / 619
- ÍNDICE REMISSIVO / 621

Introdução: Criador e criatura

(Para Afonso Henriques de Lima Barreto)

Nós, os brasileiros, somos como Robinsons: estamos sempre à espera do navio que nos venha buscar da ilha a que um naufrágio nos atirou.

— Lima Barreto, “Transatlantismo”

Não nos lembramos que nós não nos conhecemos uns aos outros, dentro do nosso próprio país, e tudo aquilo que fica pouco adiante dos subúrbios das nossas cidades, na vaga denominação Brasil, terra de duvidosa existência, como a sua homenagem da fantástica geografia pré-colombiana.

— Lima Barreto, Carta a Assis Viana

O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ocos e honrarias chocas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados.

— Lima Barreto, “A estação”

A República no Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele Ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência [...]. Ninguém quer discutir; ninguém quer agitar ideias; ninguém quer dar a emoção [...]. Todos querem “comer”. “Comem” os juristas, “comem” os filósofos, “comem” os médicos [...] “comem” os romancistas, “comem” os engenheiros, “comem” os jornalistas: o Brasil é uma vasta “comilança”.

— Lima Barreto, “A política republicana”

Marquei meu primeiro encontro profissional com Lima Barreto dez anos atrás. Desde então o revejo com imensa frequência. Dialogo, discuto e sonho com ele. Às vezes, o acho engraçado; às vezes o julgo triste; sempre, polêmico. Em muitas ocasiões, me emociono com o personagem; em algumas, me decepciono. Me divirto quando o escritor descreve e ironiza as trapalhadas dos políticos da sua época, e me insurjo, como ele, quando fazem mau uso do Estado. Sofro com as injustiças que o cronista agudamente denuncia, identifico-me com sua preocupação constante com os mais desfavorecidos. Em muitas circunstâncias suas conclusões me sensibilizam profundamente; em algumas poucas fico desapontada. Acompanho sua dança em ritmo tenso com a literatura, enquanto ele, ora procura um lugar ao sol nas instituições de consagração de seu tempo, ora as contesta, e de frente. Torço por seus ideais, me comovo com suas lutas públicas e privadas. Mais que um personagem, Lima virou um amigo da minha intimidade.

Na verdade, fazia ainda mais tempo que eu vinha flirtando com o autor. Deparei-me com ele há pelo menos vinte anos, quando realizei minha tese de doutorado e estudei o darwinismo racial, teoria que, em inícios do século xx, afirmava existir entre as raças humanas diferenças profundas e definitivas.¹ Os modelos eram totalmente equivocados e falaciosos, hoje é fácil notar. Naquele período, porém, tais conceitos alcançavam grande sucesso, e Lima Barreto foi dos poucos a manter-se cético diante de sua validade, e pronto a desautorizar um tipo de concepção que, no limite, implicava a justificação científica do racismo. O contexto aqui era o da Primeira República brasileira, momento que prometeu a igualdade mas entregou a exclusão social de largas partes da população. Por isso mesmo, virou palco para muitas revoltas e manifestações a favor dos direitos sociais e civis. Lima estava sempre ali presente, opinando, criticando, clamando por igualdade e justiça, para si e para os demais.

Decidi, então, segui-lo mais de perto. Para elaborar este livro, procurei ler todos os seus escritos e convivi com seus amigos, com alguns funcionários tediosos da Secretaria da Guerra, sem esquecer de seus desafetos. Ouvi o que diziam os vizinhos e parei para observar seus companheiros de bar, os jornalistas espalhados pelas várias redações da rua do Ouvidor, os literatos mais jovens, os mais velhos ou aqueles de sua geração. Também me acerquei dos políticos inchados de orgulho e dos oligarcas poderosos, todos descritos por ele. Minha esperança era me aproximar cada vez mais de Lima. Foi assim que percorri os bares e cafés do centro do Rio que o escritor frequentava; reconheci os poucos que ainda existem e localizei os que desapareceram na pátina do tempo.

Já me perdi pelas ruas em que Lima andava; tomei o trem da Central do Brasil e vi a paisagem correr pela janela; fui ao subúrbio de Todos os Santos para anotar seu cotidiano ainda tranquilo. Descobri onde ficava a antiga Vila Quilombo, o apelido carinhoso que ele deu a seu lar; “só para incomodar Copacabana”. Esse era o jeito que o autor encontrava de provocar as elites da capital, destacando, por contraposição, a região de onde escrevia e criticando o outro bairro que, segundo ele, era apenas feito de “uma gente” dada a todo tipo de “estrangeirismo”. Era na Vila Quilombo que ele passava boa parte do tempo, em

companhia dos irmãos — Evangelina, Carlindo e Eliézer — e do pai, João Henriques. Este, desde que perdera o emprego nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, em março de 1903, mostrava-se totalmente ausente e insano. Foi então que se mudaram para aquela vizinhança; primeiro para a rua Boa Vista, quando o local ficou conhecido como “a casa do louco”. Em 1918 passariam a viver na rua Major Mascarenhas, no mesmo bairro. Esse seria o lar do escritor e também seu refúgio onde concentrava a “Limana”, sua coleção de livros, detidamente contabilizados e classificados, por ordem de afeto e predileção.

Essas diferentes paisagens me traziam o “Lima”, como o chamavam os amigos, mas também Isaías Caminha, Jonathan, Eran, Inácio Costa, Aquele e outros tantos pseudônimos que mal tentavam esconder seu autor.² Eram os seus apelidos, ou os “a pedidos”, conforme ele gostava de ironizar. No Rio de Janeiro, Lima Barreto estava por toda parte e sempre em trânsito. Seu ambiente eram tanto os subúrbios como as ruas da capital. Freguês contumaz da vida animada dos bares que pipocavam nas cercanias da rua do Ouvidor, frequentava, em especial, o Café Papagaio, onde, como se comentava na época, até a ave costumava ser vista ébria e acabou presa depois de proferir palavrões e clamar contra a República. E, morador de Todos os Santos, privava igualmente da companhia dos vizinhos, que se vestiam de maneira “opaca” durante os dias de trabalho e de modo “endomingado” nos fins de semana.

Afrodescendente por origem, opção e forma literária, Lima Barreto combateu todas as formas de racismo, aqui e nos Estados Unidos — país que costumava hostilizar em seus escritos, pois julgava que por lá seus “irmãos de cor” eram tratados muito mal —, e desenhou seus personagens com particular ternura. Eles eram diferentes daqueles que o público estava habituado a encontrar nos romances que faziam sucesso então. Suas religiões híbridas destoavam do catolicismo oficial e imperante; os protagonistas variavam nos tons expressos na cor da pele, e moravam em locais mais distantes do centro da cidade, que ressoavam um passado africano. Uma África afetiva e pessoal, da “margem de cá”, um continente imaginado e recriado no país.³ Como escreveu no conto “O moleque”, datado de 1920: “Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde”.⁴

O mesmo Lima que se emociona com as demonstrações “cultas” das populações afro-brasileiras, muitas vezes deixadas à parte do convívio social da capital, é o que estica a linha do mapa do Rio de Janeiro. Sua cidade era aquela da região central, mas também incluía os subúrbios que ele percorria nos trilhos da Central do Brasil. Era no vagão de segunda classe, frequentado cotidianamente, que ele tinha a oportunidade de observar melhor a realidade dos “humildes” e “infelizes”, e achava fermento para seus grandes personagens: modinheiros, donas de casa, mocinhas sonhadoras, funcionários públicos, boêmios simpáticos, andarilhos filósofos, donos de bar tagarelas, trabalhadores que encontravam emprego no centro da cidade. Eles eram majoritariamente negros, porém descritos com enorme riqueza e variedade de termos. Palavras como “negros”, “negras”,

“negros flexíveis”, “pardos”, “pardas”, “pardos claros”, “escuros”, “morenos”, “morenas”, “caboclos”, “caboclas”, “mestiços”, “crioulos”, “azeitonados”, “morenos pálidos”, “morenos fortes”, “velhas pretas”, “velhos africanos” e tantas outras são mostras de como o autor buscava dar conta desse imenso e complexo mundo que se abriu no contexto e depois da data da abolição oficial da escravidão, em maio de 1888. Aí estava, e conforme descreveu o historiador Alberto da Costa e Silva, um território recriado no Brasil: “No plano espiritual, esses nomes de reinos, regiões e cidades serviram muitas vezes de sinônimos para uma África que continuou viva no Brasil. Mas dentro dele. Coisa sua, misteriosa e íntima. Imagem de um paraíso perdido ou de uma terra prometida — conceitos que não passam, como os de evocação e profecia, de duas faces da mesma lâmina”.⁵

Também foi me chamando a atenção a maneira como o escritor se construiu na qualidade de personagem literário dessa República das Letras.⁶ sempre na base da política “do contra”, por princípio e para fazer graça, conforme gostava de provocar. Era contra os políticos afetados, contra a aristocracia improvisada, contra os jornalistas artificiais, contra “os literatos de *atelier*”, contra os “bovarismos” — a mania de apreciar e adotar tudo que vinha do estrangeiro e não gostar do que é “seu” — e por isso invocava “solenemente” com Petrópolis e Botafogo.

Ambiguidade era, assim, um de seus nomes. Se Lima criticava os literatos e a Academia Brasileira de Letras — e deles destoava —, tentou entrar na instituição por três vezes; na última, desistiu. Denunciava os abusos que a sociedade cometia contra as mulheres, mas “acusava” de importação barata e fora do lugar o feminismo. Defendia os hábitos populares, mas não gostava nada de futebol, samba e Carnaval. Detestava os funcionários públicos, mas tirava seu ganha-pão na Secretaria da Guerra como amanuense, isso a despeito de sua péssima caligrafia, que virou até objeto de metáfora — em artigo intitulado “*Esta minha letra...*”, brincava com ela, dizendo que servia de exemplo de como ele continuava fora da regra e do sistema.⁷

Lima Barreto era desse jeito, cheio de ironias, deboches, contradições e acertos, ideias fortes e recorrentes, idiossincrasias, angústias, sofrimentos. Um escritor que sempre viveu entre dois mundos, espaciais, culturais e sociais. Ainda menino perdeu a mãe, d. Amália, professora e diretora de escola, que lhe prometeu um futuro mas o deixou muito cedo, por conta da tuberculose. Na infância dividia o tempo entre a então erma ilha do Governador — local de residência de seu pai, almoxarife de duas colônias de alienados — e o colégio na capital. Depois da escola, atendendo ao sonho de João Henriques, que antes trabalhara como tipógrafo e queria um filho “doutor”, matriculou-se na Escola Politécnica, no centro borbulhante do Rio, mas jamais deixou de sofrer a dor da exclusão social. Uma foto rota o traz em meio aos colegas mais abonados — usando polainas e sapatos elegantes — e um tanto isolado. É o único evidentemente negro, e mostra no terno desengonçado e na gravata com o nó frouxo um mundo de constrangimentos.

Se a capital era para Lima o lugar da formação, foi na ilha do Governador — que nada tinha de paradisíaca, por conta dos surtos de malária e da morte constante dos pacientes — que o garoto desfrutou da liberdade de correr solto e comer fruta no pé. Lá conheceu

também, e de perto, a loucura que entraria para sempre em sua vida. Seu pai, por causa de umas contas do manicômio que insistiam em não fechar, adoeceu “dos nervos”. O rapaz foi obrigado então a largar a escola para converter-se em arrimo de família; virou amanuense. Para ele, essa sua profissão não passava de mero recurso de sobrevivência; “casava-se”, mesmo, era com a Literatura.⁸ E em nome dela criou a sua revista de grupo, a *Floreal* (1907), que durou menos de um ano mas fez muitos desafetos entre os literatos; publicou seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), e ganhou uma penca de inimigos no ambiente do jornalismo; editou *Numa e a ninfa* (1915) e criticou severamente os políticos de ocasião; teve a coragem de lançar sua obra mais valente, *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), quando denunciou, entre outras coisas, o patriotismo romântico e artificial de nossas elites e a falta de democracia existente no país. Seu último livro publicado quando ele era vivo, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), poderia ter sido o primeiro, pois já estava praticamente pronto e acabado em 1909.

O fato é que, na sua literatura, autodenominada “militante” e “biográfica”, Lima acabou se tornando seus próprios personagens. Era cada um deles, todos juntos, e nenhum também. Mas era sempre criador e criatura. Escreveu a vida toda o romance *Clara dos Anjos*, ensaiou vários finais para a trama, no entanto não teve tempo devê-la publicada. Ainda misturou ficção e não ficção em outra novela que não chegou a terminar: *O cemitério dos vivos*, a qual narra a história de um personagem internado num manicômio, que passou por processos de humilhação semelhantes aos experimentados pelo autor quando esteve internado no Hospício Nacional, em 1914 e 1919, por conta da bebida. Lima era boêmio por definição e hábito, mas o que era costume acabou virando condição e invadiu seu cotidiano.

E mais: de tanto viver seus personagens, depois de utilizá-los por anos a fio como pseudônimo, por vezes Lima acabava agindo como eles. Nessas horas, era a ficção que virava realidade e não exatamente o contrário. Por essas e por outras é que o personagem continuava a me desafiar. A partir de certo momento, já não bastava apenas seguir seus escritos. Procurei então ler as obras que Lima efetivamente leu, e que o inspiraram, bem como os títulos que colecionou em sua biblioteca. Ele próprio os inventariou — oitocentos volumes —,⁹ e eu os persegui como se fosse detetive envolto em caso misterioso. Encontrei organizados, por ordem de gosto, títulos da literatura realista russa e francesa; obras de referência (as mesmas que Policarpo Quaresma cita); livros de ciência; os jornais nacionais e estrangeiros que acompanhava; seus originais na forma de romances, contos, crônicas e artigos, e os “amarraados” que eram formados de várias brochuras pequenas e folhetos.¹⁰ Encontrei, igualmente, cadernos e anotações, que se tornaram o *Diário íntimo* e o *Diário do hospício*, a partir da organização da sua irmã Evangelina — também professora, mas de piano — e de Francisco de Assis Barbosa, seu primeiro biógrafo e principal promotor de sua obra, ainda na década de 1950.¹¹

Lima tinha tal afinidade pessoal com sua literatura, e sua vida era tão impactada por seu tempo, que achei por bem utilizar a literatura para organizar e dar forma a este livro. É a data original de publicação dos romances, contos, crônicas e matérias que funciona

como mote para os diferentes capítulos, assim como o universo que cada um desses textos introduz. Um escritor não é um personagem óbvio; ainda mais neste caso, em que, por definição dele mesmo, se está diante de uma “literatura militante”, impactada por seu próprio contexto social.¹²

Encontro marcado com Lima Barreto

No entanto, é forçoso reconhecer que todo biógrafo tem uma tendência à obsessão, digamos assim, e é inevitável nos percebermos invadidos pela história que queremos (apenas) contar. Foi então que, em vez de só imaginar, resolvi ver. Sabia que a casa a que Lima mais se referia durante a vida toda fora aquela em que morara com a família na ilha do Governador nos idos de 1890. Se seu pai havia ido para lá premido pela situação desfavorável, já que foi um dos primeiros desempregados da República, o garoto parece ter aproveitado cada minuto passado naquele ambiente mais agreste.

E lá fui eu, no dia 14 de junho de 2010, rumo à ilha do Governador. Parti em “expedição científica” — juntamente com os amigos e pesquisadores Lucia Garcia e Pedro Galdino — em busca da casa de infância do Lima. Endereço certo, demos de cara com uma base militar da Aeronáutica, ou melhor, com o Parque de Material Bélico da Aeronáutica do Rio de Janeiro. Até que tentei argumentar com o sentinela, que nos olhava por entre o gradil; disse que vínhamos de longe e que queríamos apenas observar de perto a residência onde Lima Barreto vivera. Mas nada de demovê-lo. Arrisquei deixar meu nome, e expliquei que procurava por “pistas materiais” do escritor havia muito tempo. Foi quando, por meio da mão generosa de Andréa da Silva Gralha, a então tenente Gralha, que hoje é capitão, fomos gentilmente atendidos e levados até o local. Ali estava, bem na minha frente, “o sítio do Carico”, onde Lima brincava, corria e empinava papagaio.

Contudo, e como era possível supor, o espaço achava-se muito modificado. Em vez de alienados trabalhando nos campos, agora se viam soldados passando em marcha ordenada. No lugar da paisagem erma, um espaço muito organizado.¹³ No carro em que entramos, junto com a tenente — cuja coincidência de interesses fala muito a respeito dos caminhos inesperados que uma pesquisa pode tomar —, descobri que à noite ela “tirava a farda” para sentar nos bancos do mestrado. Andava estudando, justamente, a morada do Lima na ilha do Governador e, portanto, conhecia bem a história que eu tanto procurava.¹⁴ Foi assim que cheguei mais perto do meu personagem em seus tempos de meninice.

Mal pude acreditar que estava diante do lar dos Barreto, no alto de um declive. Aquele era o sítio do Sossego, ou então o sítio do Carico, que inspirou o sítio de Policarpo Quaresma, personagem principal do romance de Lima criado em 1911. Por lá ele teria morado e tentado a sorte com a agricultura. Tomada pela surpresa, parei para observar, mas não pude entrar na casa. Olhei rapidamente pela janela da pequena edificação, que serve agora de alojamento para os soldados do corpo de guarda do Parque de Material



Bélico da Aeronáutica. Por estar situada logo na entrada, a morada abriga as equipes que se revezam a cada 24 horas. Além do mais, como faz parte de território militar, é objeto de constante vigilância.¹⁵ Enfim, parecia brincadeira em hora errada, mas não era.

Levava comigo uma foto da residência da família, dos anos 1900, e foi com muita emoção que pensei naquele garoto de dez anos. Ali estavam as árvores em que ele subia, as estradinhas por onde corria solto, as matas onde caçava passarinho na base do estilingue. Pude até imaginar o Lima jogando conversa fora com seus amigos alienados, como o Manuel Cabinda, o primeiro a lhe falar da importância da África e sobre o mundo que se abria no período do pós-abolição, quando a República disse ter inaugurado um regime de liberdade e igualdade mas ignorou o segundo princípio.¹⁶ O Brasil continuava racista, deixava persistir práticas que vinham da época do cativeiro, e o escritor acusaria sempre o que considerava ser uma espécie de golpe da República.



A casa no sítio do Carico em dois tempos: na época em que Lima morou na ilha do Governador com a família (1890-1902), acima, e atualmente, abaixo, quando é utilizada como Corpo da Guarda da Base da Aeronáutica.

Lima não conheceu, em sua vida privada, as agruras e a violência que cercam o sistema da escravidão; suas duas avós, sim. E foi “o velho Cabinda”, um pretenso alienado, que se mudou com os Barreto quando eles deixaram a ilha e os auxiliou em tempos difíceis, quem lhe explicou a dimensão de sua “origem” e contou que, no passado, ninguém fora escravo.¹⁷ Os africanos que haviam chegado forçadamente ao Brasil não tinham nascido escravos; eram cassanges, mofumbes, quelimanes, rebolos, monjolos, minas e cabindas, como Manuel, o amigo leal do escritor.¹⁸

Enfim, não restavam dúvidas quanto à importância afetiva daquele lugar que marcou a obra futura de Lima. Sempre lembrou do local como o “sítio que me animo a chamar meu”.¹⁹

A imagem do sítio do Sossego, do sítio do Carico ou da casa na ilha do Governador representou uma espécie de encontro marcado com Lima Barreto. Mas essa pequena circunstância, feita de coincidências, tem ainda outro significado. O evento possibilitou o entendimento de que não há maneira de fazer uma biografia sem reconhecer-se “afeitado” por ela.²⁰ Quem permanece por tanto tempo na companhia de um pensador como Lima, acaba profundamente modificado por suas opiniões, sua vida e sua literatura. Fazer uma biografia não significa, pois, tomar uma estrada daquelas que mais se parecem com uma rota e um destino fixos.²¹ Ao contrário, a trajetória de Lima se assemelha muito à imagem dos seus cabelos, que enrolam, circundam, voltam. Esse é um autor que acerta e por vezes erra; denuncia mas também se equivoca; avança e recua. Aliás, como qualquer um de nós, ele carrega suas contradições e suas tantas ambiguidades, mas também suas verdades. Nesse sentido ele é “triste”, não só porque sua vida foi dura, ou porque criou personagens “tristes”. É “triste” seguindo-se a expressão popular que incorporou a ambivalência. Triste é quem não desiste, é teimoso, não se deixa vencer.²² O escritor é igualmente um “visionário”, como seu Policarpo, já que jamais desiste de planejar o futuro: o seu, o do seu país e dos seus próximos.

Esta não é, portanto, a história de Lima Barreto. Nem poderia ser, até porque Lima mereceu uma biografia fundamental, publicada, como vimos, em 1952 por Francisco de Assis Barbosa. O jornalista e acadêmico não só escreveu com extremo rigor e “afeto” sobre a vida do autor, como foi responsável pela reedição de sua obra, naquela altura basicamente desaparecida do mercado. Além do mais, foi precursor e inspirador de uma geração que começou a colocar o escritor em seu lugar de direito na nossa literatura.²³ Demorou, mas Lima vai entrando nas leituras fundamentais deste Brasil que acomoda, de fato, muitos Brasis. Custou, mas o criador de Policarpo Quaresma vai ganhando o lugar de intérprete do país, e não só de vítima de seu tempo — o que ele foi também (mas não só).

Enfim, se hoje são muitas as histórias e as obras que se dedicaram a analisar a trajetória e a literatura de Lima Barreto, talvez a especificidade desta biografia esteja nas perguntas que dirige a seu protagonista. Na verdade, se ela se orienta pela leitura dos textos desse personagem e discorre sobre os registros dispersos de sua vida, também procura indagar acerca da sua intimidade, a partir de temas que fazem parte de nossa agenda

mais contemporânea. Historiadores são assim: voltam ao passado com indagações novas; aquelas de sua época. “A História é filha de seu tempo”, declarou certa vez o historiador Lucien Febvre,²⁴ e este livro não constitui exceção.

Foi dado à minha geração presenciar a eclosão da linguagem dos direitos civis no Brasil — o direito da diferença na igualdade, e vice-versa —, e é possível reler Lima Barreto com base nas suas denúncias e nas angústias que ele sentiu diante de uma série de marcas que a sociedade cria e transforma em diferença e preconceito. Aí está, pulsante, a questão racial, para lembrarmos de um tema sensível e definidor da pessoa e de toda a obra do autor. O escritor jamais deixou passar o fato de o Brasil ter sido o último país do Ocidente a abolir a escravidão mercantil; viu e denunciou práticas de discriminação presentes, teimosamente, no seu próprio contexto. Isso num país em que — a despeito de ter recebido 45% da população africana que deixou compulsoriamente seu continente —, até aquele momento, eram poucos os que declaravam fazer uma literatura impactada pelos sofrimentos mas também pela criatividade, pelo trabalho e pelos conhecimentos das populações afrodescendentes. Não por causa, e exclusivamente, de sua origem e do exílio forçado; mas por conta dos temas, dos sons, dos gestos, das cores, das religiões, das filosofias que ficaram impregnadas nesse Brasil em construção. É claro que esse tipo de adjetivação racial não faria muito sentido na via oposta; dizer que um escritor faz, por exemplo, “literatura branca”. Aliás, esse é quase um pressuposto, em geral oculto nas análises. Assim, se Lima Barreto foi também um grande cronista carioca e das ruas do Rio de Janeiro; sua obra se distingue das demais, sobretudo nesse momento, em razão do tipo de testemunho que ele traz com sua literatura, dos personagens que escolhe como protagonistas, dos enredos que cria, dos detalhes que seleciona descrever.²⁵ Por sinal, ele fez questão de igualmente definir-se como “um autor negro”, para ficarmos com seus termos, e impregnar sua narrativa por outras esquinas desse mesmo país.

Tomados nesses termos, escritores como Luís Gama, Cruz e Sousa e Lima Barreto, apesar de adotarem estilos e gêneros diferentes, guardam “um fio existencial” a uni-los, e um “parentesco próximo”, na sensível definição do crítico literário Alfredo Bosi.²⁶ Luís Gama, râbula, jornalista e escritor, filho de mãe negra livre e pai branco, foi vendido como escravo e, autodidata, conquistou sua própria liberdade, assim como lutou pela liberdade de outros cativos. Em *Primeiras trovas burlescas*, ele poeta: “Bode, negro, Mongibelo;/ Porém eu que não me abalo,/ Vou tangendo o meu badalo,/ Com repique impertinente;/ Pondo a trote muita gente./ Se negro sou, ou sou bode,/ Pouco importa./ O que isto pode?/ Bodes há de toda a casta,/ Pois que a espécie é muito vasta.../ Há cízentos, há rajados,/ Baios, pampas e malhados,/ Bodes negros, bodes brancos,/ E, sejamos todos fracos,/ Uns plebeus, e outros nobres,/ Bodes ricos, bodes pobres,/ Bodes sábios, importantes,/ E também alguns tratantes...”²⁷

Cruz e Sousa ganhou a alcunha de Cisne Negro ou Dante Negro, foi um dos precursores do simbolismo no Brasil, e jamais deixou de denunciar a escravidão e o preconceito existentes no país. Também não abriu mão de incluir as consequências desse sistema e a violência que produzia. “A alma que ele tinha, ovante, imaculada/ Alegre e sem rancor;/

Porém que foi aos poucos sendo transformada/ Aos vivos do estertor.../ De dentro da senzala/ Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala/ Em ímpeto ferino;/ Não pode sair, não,/ Um homem de trabalho, um senso, uma razão.../ E sim um assassino!”²⁸

Enfim, vistos em conjunto e de forma paralela, é possível afirmar que, sem se limitarem a um horizonte restrito, esses são autores que também realizam uma literatura de matriz afrodescendente. Afinal, compartilham de temas e de experiências subjetivas comuns no campo da criação literária, e reivindicam um sujeito autoral distinto da norma silenciosamente partilhada. Ao mesmo tempo, são escritores brasileiros, uma vez que racismo não é um problema que diz respeito exclusivamente àqueles que sofrem com ele mas faz parte da agenda de todos. Por fim, nenhum dos três se conforma em realizar tão somente uma arte da lamúria, da queixa ou da “falta”. Há “excesso” nas descrições: há escravidão mas muita liberdade; particularidades mas diversidade interna; espaços comuns mas regiões geográficas pouco exploradas; sociabilidades partilhadas mas experiências distintas e definidoras. Nesse mesmo sentido, eles são mestres do passado e para os tempos de agora.

É também possível ler Lima tendo em mente outras marcas sociais de diferença.²⁹ O escritor batalhou, em primeiro lugar, por sua geração, que chamou de “novos”. Para isso, criou locais alternativos de afirmação para si e para os colegas; inventou oportunidades expressas em jornais e associações, e se opôs, sempre que pôde, aos literatos mais estabelecidos nas instituições prestigiosas de seu momento. Em segundo lugar, ele escreveu a partir de sua região em especial. Foi assim que procurou atrair a atenção para os subúrbios cariocas, seus personagens, seu cotidiano. Bateu-se ainda por temas relacionados ao gênero, criticando a violência contra as mulheres ou condenando a prostituição, sobretudo das mulheres jovens, pobres e, não raro, afro-brasileiras. Não obstante, reagiu, de modo contundente, aos movimentos de mulheres e feministas que então se formavam; julgou-os, enganosamente, apenas importados e distantes da realidade. Também lidou mal com sua própria sexualidade; sentindo-se deslocado, jamais se casou ou teve namoradas estáveis.

Lima ainda questionava sem dó nem piedade “a mania brasileira” de medir-se pelo que ocorria na Europa e nos Estados Unidos. A irritação que sentia não o impedia, porém, de manter-se bastante bem informado acerca de tudo que ocorria naquelas searas; em particular na área da literatura e das artes. Entretanto, sua condição de classe jamais permitiu que pusesse os pés no exterior. Aliás, o autor teve poucas oportunidades de sair da sua cidade, de uma forma geral, ou de experimentar esse Brasil de proporções continentais. Mas, à sua maneira, viajou muito no seu tempo. Tanto que se converteu numa “testemunha” importante do Rio de Janeiro e do país. Daquelas que legam com palavras aquilo que viram e que já não se pode ver. Aquelas que guardam, recolhem, mas também interpelam seu próprio contexto. Além do mais, Lima foi daquelas testemunhas que suportam a solidão de uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, assumem a responsabilidade de estar num lugar, no seu caso, muitas vezes repleto de solidão.³⁰ Por isso virou um bardo, com frequência desagradável, da sua época, narrando, entre outros aconteci-

mentos, a Revolta da Vacina de 1904 e o modo como a população pobre se insurgiu contra o governo; a Revolta da Armada (1893-94), que atingiu de perto a ilha do Governador; a Reforma de Pereira Passos (1902-06), que transformou o centro do Rio e jogou a pobreza para as suas laterais; as greves operárias de 1917, que convulsionaram a capital e o país; as celebrações do Centenário de 1922, que procuraram dar ordem e criar um passado para uma República ainda consideravelmente instável. O fato é que não há mais como discorrer sobre o período da Primeira República sem mencionar a obra de Lima Barreto, seus escritos, suas provocações.

Também não há como deixar de reconhecer Lima por detrás da sua pena e de seus personagens. É sempre ele que vê, traduz, interpela e avalia aquilo que julga ser preciso narrar. “Quando, em 1889, o senhor Marechal Deodoro proclamou a República, eu era menino de oito anos. Embora fosse tenra a idade em que estava, dessa época e de algumas anteriores eu tinha algumas recordações. Das festas por ocasião da passagem da Lei de 13 de maio ainda tenho vivas recordações; mas da tal história da proclamação da República só me lembro que as patrulhas andavam nas ruas armadas de carabinas e meu pai foi, alguns dias depois, demitido do lugar que tinha. E é só. [...] Nascendo, como nasceu, com esse aspecto de terror, de violência, ela vai aos poucos acentuando as feições que já trazia no berço.”³¹

Como se pode notar, pela qualidade do trecho acima, e daqueles que abrem esta introdução, a narrativa de Lima é difícil de ser apenas descrita.³² Por isso, em vários momentos do livro, foi melhor deixar que ele próprio relatasse os eventos que viu, as impressões que teve, as reações que manifestou. Pois esse tempo de Lima Barreto não é feito só dos fatos do passado, mas está embrenhado de memória. Uma memória que “decanta o passado de sua exatidão. É ela que humaniza e configura o tempo”.³³ Assim, muitas vezes, em lugar de traduzir, dublar ou substituir o autor, é preferível “explicar com ele”; com os termos dele. O leitor há de perceber o uso de um recurso recorrente nesta biografia: não raro o criador de Policarpo Quaresma pondera, interrompe e invade minha escrita. Além do mais, por conta da quantidade de conteúdos semânticos que foram sendo acoplados aos termos derivados do contexto da escravidão — “negro”, “mestiço”, “moreno”, “mulato”... —, e da carga de preconceito neles ainda presente, optou-se aqui por utilizar “termos nativos”; qual seja, aqueles empregados pelo próprio escritor na definição de si mesmo e de seus personagens. Conforme escreveu Alfredo Bosi no início de *Dialética da colonização*, “começar pelas palavras talvez não seja coisa vã”. E não é. Essa é uma maneira crítica de recuperar os “nomes” que Lima Barreto efetivamente escolheu usar — mostrar como a operação nada tinha de ingênua ou aleatória —, mas sem passá-los pelo crivo dos tempos mais atuais e das discussões contemporâneas, dos quais o escritor não pôde partilhar.³⁴

Este é, pois, o livro de uma vida que, sem ser espelho, se mistura muito com a obra. Afinal, até na recepção desta, as duas faces de Lima Barreto se confundem e aparecem de forma mesclada. Quando começa a vida do escritor, quando se inicia sua obra literária, é difícil distinguir ou separar. Este é também um livro que carrega a certeza de que cada

tempo inventa para si novos problemas e se põe a rever o passado a partir de questões ditadas pela lógica do presente.

Lima viveu pouco — 41 anos. Morreu em 1º de novembro de 1922, vítima de um infarto — atribuído, entre outros fatores, também ao consumo excessivo de álcool —, dois dias antes da morte de seu pai. Em sua curta vida, o escritor mostrava urgência.³⁵ Mal teve tempo de conhecer as novidades anunciadas pela Semana de Arte Moderna. Por sinal, na sua primeira e quase imediata reação à revista *Klaxon*, define os paulistas como adeptos do futurismo, insinuando desse modo que seriam cultores das vogas europeias. Já eles, sentindo-se atingidos pela matéria que Lima publicou na revista *Careta* de 22 de julho de 1922,³⁶ desautorizaram a crítica e julgaram seu autor “um reacionário”. Assim, o que poderia ter sido um belo encontro virou colisão de graves consequências. Justamente Lima, que tinha uma obra cujo fermento era a oralidade da escrita, os termos do povo, a busca do que era autêntico e ético, acabou, durante largo período, preso ao contexto que tanto criticou.

A vida e a obra desse escritor representam, portanto, um convite e um aceno. Lima nos incita a transgredir a fronteira do passado, atuando como um guia inesperado. Um timoneiro que não abre mão de incluir em sua obra suas batalhas, idiossincrasias, brin cadeiras, afetos e broncas. Um narrador que nunca se apaga diante do que acredita ser seu e de direito. Ele que brigou, insurgiu-se, apoiou, vetou, enfim, fez todo o barulho que podia para que a República se tornasse uma *res publica*: o governo de todos para todos, e por todos. Outro Brasil, que é o mesmo também. Aquele dos mais despossuídos; de alma grande como “seu” Manuel Cabinda, e que carregam uma dor maior que o mundo mas que jamais se deixam, simplesmente, apanhar ou vencer. Ao contrário, lutam sem cessar.

Esta introdução é assim dedicada a Lima Barreto, numa atitude semelhante à que ele tomava. Antes de iniciar suas crônicas e livros, lembrava sempre de um amigo ou de uma pessoa que o inspirara, e o animara a continuar escrevendo.

Certa vez, Lima registrou que “não se separavam bem as pessoas e as cousas”, e que qualquer vida é feita de “muitas vidas e muitas existências”.³⁷ Pois bem, esta não é mesmo a história do Lima Barreto. Aliás, nem o próprio Lima cabe numa história. Esta é a minha história, aquela que aprendi com ele.

P.S.: Não há como passar pela história da vida de Lima Barreto e da recepção de sua obra sem ter ao lado, e quase como guia de viagem, o livro de Francisco de Assis Barbosa publicado em 1952: a primeira biografia completa de Lima. Ele também liderou, como veremos, uma verdadeira operação editorial com o objetivo de trazer de volta ao público, na década de 1950, a integralidade dos textos do autor. Assis Barbosa será tema de homenagem no final deste volume e fará parte constante desta biografia, que, sem se limitar à sua pesquisa, lhe é muito devedora.